

# A ESCOLA E A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL NA FUMICULTURA CATARINENSE

Soraya Franzoni **Conde** – UFSC

Agência Financiadora: FUMDES-SC

## **Apresentação**

Este artigo trata de pesquisa desenvolvida durante o doutorado em educação e seu objetivo é refletir sobre as circunstâncias em que a exploração do trabalho infantil e a ajuda da criança ocorrem na fumicultura catarinense e se relacionam com a escolarização, considerando as particularidades e os aspectos universais, históricos e sociais a que os trabalhadores do campo estão submetidos.

Na atualidade, a persistência da exploração de crianças no trabalho no campo e na cidade, é indicada pelos dados do IBGE (PNAD, 2006) que mostram que 5,1 milhão de crianças e de adolescentes (entre 5 e 18 anos) trabalham no Brasil, o que representa 11,5% da população na faixa etária correspondente. Das crianças e dos adolescentes ocupados, 41,4% estão inseridos em trabalhos agrícolas; proporção que chega a 62,6% entre 5 e 13 anos.

Entre as denominadas piores formas de trabalho infantil encontra-se o trabalho realizado na fumicultura catarinense, onde ao mesmo tempo em que a contribuição da criança se insere em formas artesanais de socialização e de educação familiar, recebendo a conotação de atividade educativa, ela ocorre em relações de trabalho integradas às empresas multinacionais capitalistas. Para os agricultores, a inserção de crianças e adolescentes no trabalho do campo é o meio pelo qual ensinam os “saberes da terra”, numa lembrança saudosista às formas artesanais de aprendizagem anteriores à instituição da escola, do trabalho produtor de mais-valia e à forma industrial de produção.

Neste texto, primeiramente, relatamos os caminhos metodológicos da pesquisa realizada nos municípios catarinenses de São Bonifácio, Imbuia e Canoinhas. Em seguida, abordamos a exploração do trabalho na fumicultura e a cadeia produtiva do fumo onde o trabalho da criança se relaciona à totalidade social. Por último, tratamos dos dados da pesquisa empírica, refletindo sobre a forma dissimulada em que o trabalho infantil aparece como ajuda e suas relações com a escolarização.

## **Caminhos da pesquisa**

A pesquisa foi realizada por meio do cruzamento de vários instrumentos de pesquisa: revisão bibliográfica, análise de dados, relatórios de fiscalização do trabalho infantil, entrevistas com pesquisadores, sindicalistas, trabalhadores rurais, fiscais do trabalho. Além disso, recolhemos produções textuais e depoimentos de 1080 crianças e adolescentes, entre 9 e 17 anos, de onze escolas públicas<sup>1</sup> localizadas nos municípios catarinenses de São Bonifácio, Imbuia e Canoinhas. Os municípios escolhidos são produtores significativos de fumo e têm recentes denúncias de trabalho infantil. Canoinhas é o principal produtor de fumo do estado e faz parte de uma região com constantes denúncias dessa natureza. Imbuia é um município que, embora pequeno, tem como principal atividade econômica a fumicultura, além disso, possui um dos IDHs (Índice de Desenvolvimento Humano) mais baixos de Santa Catarina. Já São Bonifácio teve a fumicultura como principal atividade econômica na década de 1980, lugar ocupado, na atualidade, pela avicultura e pela produção de laticínios.

A pesquisa foi desenvolvida com a mediação dos professores. As crianças e os adolescentes pesquisados foram convidados, por seus professores, a escreverem e a desenharem sobre o que fazem quando não estão na escola: de manhã, de tarde, de noite, nos finais de semana e nas férias escolares.

A escolha por pesquisar as crianças por meio da escola deriva da dificuldade em obter informações diretamente sobre a problemática do trabalho infantil, tendo em vista sua ilegalidade e o receio que as famílias têm da ação punitiva dos fiscais do MTE (Ministério do Trabalho e do Emprego) e da Afubra (Associação dos Fumicultores do Brasil). Sempre que perguntamos diretamente para os trabalhadores rurais se as crianças trabalham, a resposta é negativa: “às vezes eles me ajudam um pouco, mas trabalhar não”. Entretanto, analisando o que revelam os textos e os desenhos das crianças feitos dentro da escola, descobrimos que a ajuda é, na verdade, trabalho.

Percebemos que a apreensão do trabalho infantil exige ir além da aparência imediata e cotidiana do fenômeno que tende a responsabilizar individualmente as

---

<sup>1</sup>No município de São Bonifácio as seguintes escolas participaram da pesquisa: Escola Básica Municipal de São Tarcísio, Escola Básica Municipal de Rio Sete, Escola Básica Municipal de Rio do Ponche. No município de Imbuia: Escola Básica Municipal Frei Manoel, Escola Básica Municipal Campo das Flores, Escola Básica Municipal Umbelina Lorenzo. Em Canoinhas: Escola Básica Municipal Alberto Wardenski, Escola Básica Municipal Maria Isabel Lima Cubas, Escola Básica Municipal Barra Mansa, Escola Básica Municipal Rio do Pinho.

famílias pelo trabalho de seus filhos. O trabalho de crianças é síntese de múltiplas determinações. Se os pais consentem que seus filhos trabalhem, essa é a forma histórica que aprenderam para sobreviver enquanto classe trabalhadora. Afinal, não são as idéias que determinam o modo pelo qual os homens produzem a própria existência, mas o contrário. São as relações sociais travadas entre os seres humanos que edificam suas ideias.

### **O trabalho na fumicultura**

O trabalho na fumicultura ocorre, geralmente, em pequenas propriedades agrícolas familiares e é caracterizado por jornadas exaustivas no período de colheita, controle técnico da qualidade e da quantidade da produção (pela empresa integradora), constante contato com agrotóxico e com a nicotina absorvida pela pele. O contato direto com a folha de fumo acarreta uma doença popularmente chamada de “mancha verde”.

O Brasil é o maior produtor de fumo do mundo, sendo o fumo brasileiro reconhecido pela sua qualidade superior. Apenas 15% da produção destina-se ao consumo interno e os 85% restantes são exportados, principalmente, para a Europa<sup>2</sup>.

A contratação da força de trabalho é a parte mais cara da produção de fumo, por isso, a gestão empresarial capitalista opta pela produção integrada. As famílias numerosas são os alvos preferidos. A negociação e o contrato são feitos entre adultos, mas o trabalho é realizado no âmbito familiar e, assim, muitas regras da produção seguem o que é convencionado no âmbito privado, como, por exemplo, a submissão dos mais novos aos mais velhos. No trabalho da colheita do pé de fumo, o trabalhador necessita colher as folhas, apará-las, pendurar nas estufas para secar, separar e enrolar a manilha. Na estufa, é preciso controlar rigorosamente a temperatura e a umidade das folhas para garantia de qualidade do produto. As famílias trabalham de manhã, de tarde e até durante a noite. Caso a empresa fumageira resolvesse contratar trabalhadores pagos por jornada de trabalho, seguindo as determinações legais trabalhistas, o custo da produção seria muito alto. O trabalhador (ou melhor, sua família) tem que alcançar as cotas com a qualidade determinada pela empresa. Quando pressionadas, as empresas fumageiras afirmam que o problema do trabalho infantil é cultural e da particularidade de cada família. Esquecem que a particularidade do trabalho familiar está inserido e, em grande parte determinado, em relações sociais mais amplas.

---

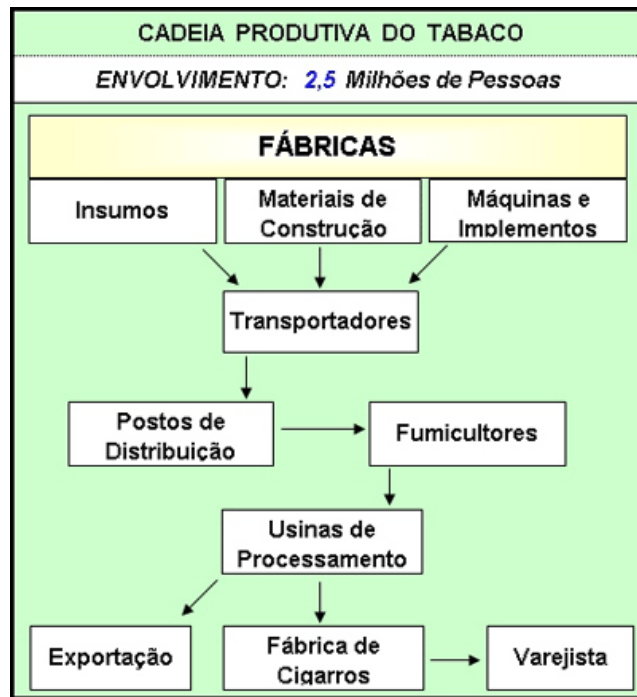
<sup>2</sup> Conforme [www.afubra.com.br](http://www.afubra.com.br).

A forma de trabalho integrada é feita por meio de contrato de trabalho estabelecido entre o agricultor e empresas integradoras que determinam o preço, a qualidade, as técnicas, os insumos, adubos e a maquinaria utilizada, além dos investimentos iniciais necessários, estipulados num contrato de financiamento entre o agricultor e o banco indicado pelos contratantes.

Segundo dados da pesquisa realizada pela FETAESC<sup>3</sup> (2010), 24% dos trabalhadores de tabaco são menores de 16 anos. Como o trabalho da criança ocorre no âmbito familiar, sem salário e sem jornada de trabalho definida, ele ganha a conotação de ajuda educativa, meio pelo qual as famílias ensinam os “saberes da terra”, numa lembrança às formas artesanais de aprendizagem anteriores à instituição da escola, do trabalho produtor de mais-valia e à forma industrial de produção. Ignoram que o trabalho na fumicultura integrada, além do controle da produção ser realizado pela indústria do tabaco, tem no preço pago pela folha do fumo valor inferior ao trabalho despendido pelo trabalhador do campo. O contrato assinado torna o trabalhador do campo refém das variações de mercado externamente estipuladas. O trabalho do fumicultor, como podemos ver pela ilustração da cadeia produtiva abaixo, é parte de uma relação social mais ampla que envolve cerca de 2,5 milhões de pessoas, na qual o trabalhador (e sua família) é apenas uma “peça”, evidenciando a indivisibilidade entre a vida no campo e na cidade e as tênues fronteiras entre o espaço privado familiar e a produção social da riqueza:

---

<sup>3</sup> Federação dos Trabalhadores da Agricultura de Santa Catarina.



**Figura 3: Cadeia produtiva do Tabaco no Brasil.**  
**Fonte: AFUBRA, 2011.**

A figura acima evidencia que o trabalho familiar está conectado à totalidade das relações sociais capitalistas. A forma industrial de produção da mercadoria combinam várias etapas, sendo apenas uma realizada no chão de fábrica. A indústria do fumo alude à imagem de um “polvo”, com braços espalhados por diferentes espaços, envolvendo desde a combinação de cientistas qualificados até agricultores que produzem de forma artesanal por cotas pré-estipuladas. A diversidade de papéis compõe o atual trabalho coletivo cuja finalidade é a produção da mais-valia relativa e da mais-valia absoluta, a primeira definida pela intensificação do ritmo produtivo e a segunda pela ampliação da jornada de trabalho.

Conforme a ilustração da cadeia produtiva do fumo, a exploração de crianças está conectada a relações avançadas de produção, confirmando a tese de Francisco de Oliveira (2003), segundo a qual a exploração do trabalho de crianças é reflexo da forma como o capitalismo se reproduz em sua periferia. Desde os primórdios da relação capital, as formas artesanais são combinadas com tecnologia de ponta. No caso específico da fumicultura, a coleta da folha deve ser cuidadosa e manual para manter a qualidade. A redução do custo da produção é garantida pela redução do valor pago à força de trabalho.

Para melhor compreender a totalidade das relações sociais nas quais a fumicultura se insere e a forma que o capitalismo assume no campo brasileiro, é preciso considerar o que diz Caio Prado Junior (2005). O autor critica a teoria do subdesenvolvimento do Brasil, alegando que os problemas que afetam os trabalhadores rurais são resquícios de relações sociais escravocratas, desenvolvidas pelas forças do capitalismo nascente na Europa e expandido para o Brasil e para o mundo por meio das companhias de colonização e exploração das matérias-primas necessárias à acumulação primitiva do capitalismo europeu.

O trabalho domiciliar conjugado com o trabalho assalariado existe desde os primórdios do sistema capitalista na Inglaterra. Segundo Marx (1988), a produção capitalista do século XIX movimentava por fios invisíveis trabalhos familiares, realizados em espaços privados, por sistema de produtividade, e nele toda a família, incluindo as crianças, trabalham na produção. Portanto, desde o nascimento da produção capitalista, a “ajuda” familiar está presente nas diversas formas de assalariamento. Há setores, semelhantes às atuais produções de fumo em Santa Catarina, em que o valor da força de trabalho é tão baixo que não compensa o investimento em maquinaria de ponta, mas isso não significa ausência da relação social capitalista e nem de indústria.

Os agricultores afirmam que não produzem fumo porque gostam ou querem, mas porque necessitam. Plantá-lo significa não migrar para a cidade e ter renda garantida, conforme atesta a merendeira<sup>4</sup> fumicultora:

Por que planto fumo? Porque dá dinheiro. É segurança né! Não há nada na região que dá mais segurança financeira do que o fumo. Por exemplo, a vaca de leite, tu tens que ter muita, mas muita vaca para ter um rendimento bom. O fumo é certamente vendido com menor investimento. O fumo se adapta bem às condições climáticas e ao solo da região. Tem o seguro também. A gente paga porque se der errado, pelo menos, a renda está garantida. O ano passado teve granizo no fim da safra e nós acionamos o seguro. Foi bom para a gente. Conheço famílias que não tinham seguro e perderam tudo. A gente chama o seguro, eles avaliam o prejuízo e fazem as contas de quanto devem nos pagar. O valor é calculado conforme o preço do fumo. Se você está devendo algo para a firma, o seguro já desconta a parcela.

Em outra escola de São Bonifácio, também encontramos uma funcionária que planta fumo há cinco anos. Ela tem cerca de 50 mil pés de fumo e trabalha na escola meio período. Conta que começou a trabalhar na roça desde pequenina. Acha que na atualidade as coisas são diferentes, pois a lei não deixa as crianças irem para a roça. Defende o trabalho infantil no campo, porque acredita que as crianças precisam

---

<sup>4</sup> Trabalhadora responsável pela merenda da escola.

aprender a valorizar o esforço dos pais e também a compreender a dificuldade para conseguir o que se tem em casa:

A lei diz que até 18 anos não pode ir para a roça. Mas, até lá vai fazer o quê? Como eles vão saber trabalhar aos 18 anos se não nos acompanharem na roça? Hoje, as crianças vão para a roça, porque também não podem ficar sozinhas em casa. Na roça, um cuida do outro e o tempo passa mais rápido. Não há escola. Não há creche. As crianças vão junto com os pais<sup>5</sup>.

A ausência de escolas de educação infantil no campo é uma realidade problematizada pelas trabalhadoras rurais que acabam levando as crianças para o trabalho na roça. Além disso, há crianças, entre 0 e 5 anos, frequentando escolas de ensino fundamental multisseriadas.

Para Francisco de Oliveira (2003), não há preocupação com os problemas do campo sem relação com a totalidade do sistema capital, pois as ações na agricultura desempenham um papel fundamental na industrialização e na constituição do capitalismo nacional. Para o autor, persistem formas peculiares e primitivas de subsistência como parte do desenvolvimento moderno, com rebaixamento do custo da força de trabalho, base da acumulação. Essa situação é parte de um processo acelerado de desenvolvimento onde crianças trabalhando na colheita do fumo não são sinais de atraso e subdesenvolvimento do campo, mas uma forma atroz de modernização:

De fato o processo real mostra uma simbiose e uma organicidade, uma unidade de contrários, em que o chamado “moderno” cresce e se alimenta da existência do “atrasado” [...] tal postulação esquece que o subdesenvolvimento é precisamente uma produção da expansão do capitalismo [...] A ênfase no aspecto da dependência do subdesenvolvimento com relação ao desenvolvido, deixa de abordar aspectos internos da estrutura de dominação. O problema se torna como que uma oposição entre nações, esquecendo que o problema do desenvolvimento se relaciona à oposição entre classes sociais internas [...] A atenção é desviada da luta de classes (OLIVEIRA, 2003, p. 32-34).

Tanto no caso da economia familiar, quanto na venda ambulante que garante o escoamento das mercadorias produzidas, o trabalho da criança é fundamental e aparentemente associado à uma relação de aprendizagem entre pais e filhos. Na realidade, tratam-se das formas atuais da industrialização, ligadas por vários braços a exportadores, embaladores, laboratórios de pesquisa, proprietários rurais e projetos educacionais cujo investimento garante à empresa subsídios fiscais e uma imagem de “amiga da criança”.

---

<sup>5</sup>Entrevista concedida à autora em 07 de outubro de 2010.

As empresas responsáveis pela exploração familiar no fumo desenvolvem programas de educação para as crianças, com intuito de retirá-las do trabalho precoce, sem, contudo, melhorar a condição de vida familiar. Esses projetos desenvolvem programas que, nem de longe, assemelham-se à formação recebida pelas crianças de famílias ricas. Trata-se de uma forma de preservação e qualificação da força de trabalho diante da degeneração precoce que a fumicultura gera. Com o alto número de desempregados no campo e de pequenos produtores que, diante das dificuldades da produção rural, submetem-se às determinações externas da produção integrada, muitas vezes, compensa mais para a empresa fumageira, investir na qualificação do futuro trabalhador, enviando as crianças para a escola do que desgastá-la prematuramente.

Preservar a força de trabalho futura, por meio da proteção da criança, do ensino escolar e da declaração de direitos, significa regular a exploração da mais-valia de tal forma que a reprodução da relação social capitalista seja garantida. Além disso, o ensino escolar atua sobre a subjetividade do trabalhador futuro, o que possibilita a naturalização do trabalho produtor de mais-valia e retira a possibilidade de crítica e resistência dos filhos dos agricultores.

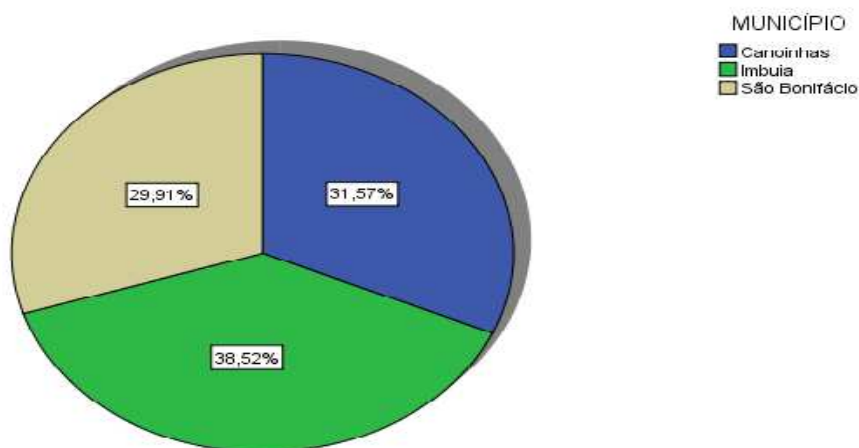
### **O fenômeno ajuda é revelado trabalho**

Entre as 1080 crianças da amostra pesquisada, 416 (38,5%) são do município de Imbuia, 341 (31,5%) de Canoinhas e 323 (29,9%) de São Bonifácio. Com relação ao sexo, 575 (53,2%) pertencem ao sexo feminino e 505 (46,7%) ao masculino. A pesquisa abrangeu crianças e adolescentes com idades entre 9 e 16 anos, sendo que as crianças da educação infantil e das primeira e segunda séries do ensino fundamental, ao invés de escreverem, foram convidadas a desenhar sobre o que fazem fora da escola.



Gráfico 1

Número total de crianças e adolescentes por município



Fonte: Pesquisa de Campo realizada em 2010.2 com crianças e adolescentes do ensino fundamental de São Bonifácio, Imbuia e Caroinhas.

A partir das variáveis encontradas nas leituras das redações coletadas, sistematizamos a tabela a seguir. Percebemos, pela análise dos dados, que as crianças que trabalham desenvolvem diferentes tipos de atividades em distintas relações. Essas atividades podem ocorrer na própria propriedade rural familiar (**trabalho rural familiar**); podem ser domésticas e familiares enquanto os pais trabalham na roça (**trabalho doméstico familiar**); podem se desenvolver em propriedades alheias de amigos ou parentes da vizinhança (**trabalho rural não familiar**); em casas alheias não familiares (**trabalho doméstico não familiar**); podem ocorrer outros tipos de atividades de trabalho em contextos não familiares como, por exemplo, trabalho em madeireira, oficinas mecânicas, lojas, fábrica de laticínios (**outro trabalho não familiar**); em atividades que consideramos como realmente de ajuda na organização da vida familiar como, por exemplo, tirar a mesa e lavar a louça após o almoço ou arrumar o próprio quarto e os brinquedos (**ajuda à organização familiar**); podem ocorrer ainda combinações entre o trabalho na roça e o doméstico, pois há casos de crianças e adolescentes que no período escolar são responsáveis pela comida, roupa e limpeza doméstica e, durante as férias, vão à roça trabalhar na colheita do fumo e/ou outra cultura (**trabalho rural + doméstico familiar**); também há combinações entre trabalhos no âmbito familiar e trabalhos no âmbito não familiar, pois há casos de crianças que, por exemplo, trabalham no comércio durante os dias da semana e, nos

finais de semana e feriados, vão à roça da família ou são responsáveis pela limpeza doméstica (**trabalho não familiar + familiar**); e há ainda casos em que as crianças se dedicam apenas às atividades de estudo, às brincadeiras, aos esportes, à música, etc (**atividade de infância**).

**Tabela 1: Número total de crianças e adolescentes por tipo de atividade ou de trabalho**

	Frequencia	Percentual	Percentual valid	Percentual acumulado
Trabalho Rural Familiar	348	32,2	32,2	32,2
Trabalho Doméstico Familiar	173	16,0	16,0	48,2
Trabalho Rural Não Familiar	18	1,7	1,7	49,9
Trabalho Doméstico Não Familiar	7	,6	,6	50,6
Outro Trabalho Não Familiar	54	5,0	5,0	55,6
Ajuda à organização familiar	133	12,3	12,3	67,9
Trabalho rural + doméstico familiar	81	7,5	7,5	75,4
Trabalho não familiar + familiar	14	1,3	1,3	76,7
Atividade de infância	252	23,3	23,3	100,0
Total	1080	100,0	100,0	

**Fonte: Pesquisa de Campo realizada em 2010.2 com crianças e adolescentes do ensino fundamental de São Bonifácio, Imbuia e Canoinhas**

Seguindo as porcentagens apontadas pela tabela, 32,2% das crianças e dos adolescentes pesquisados, desenvolvem atividades rurais de trabalho; 16% realizam atividades domésticas de trabalho; 12,3% ajudam na organização da vida familiar; 7,5% combinam o trabalho doméstico cotidiano com o trabalho rural; 5% desenvolvem trabalho em locais não familiares; 1,3% combinam trabalho familiar com trabalho não familiar e 23% afirmam se dedicar apenas às atividades de infância.

É possível perceber que há grande diversidade de atividades de trabalho desenvolvidas por crianças e adolescentes. Elas são combinadas de maneiras diferentes entre trabalho familiar, não familiar, doméstico, rural e não rural. Refletem as formas como o trabalho coletivo tem se complexificado e utilizado das formas domésticas, domiciliares, sociais, rurais e urbanas para ampliar a extração da mais-valia, seja ela relativa (pela intensificação da jornada de trabalho) ou absoluta (pela ampliação da

jornada de trabalho). A forma como a criança e o adolescente vivem e combinam os tempos de estudo e de trabalho são expressão das atuais transformações no mundo do trabalho em que ocorre a ampliação do trabalho coletivo abstrato com estreitamento das fronteiras entre a vida privada e a exploração.

O trabalho infantil doméstico, seja ele familiar (16%), não familiar (0,6%) ou combinado com o trabalho rural (7,5%) envolve 261 (24,1%) crianças e adolescentes da amostra. Esses dados evidenciam uma tendência que intitulamos de trabalho invisível, uma vez que a proibição do trabalho das crianças e dos adolescentes e o medo das ações punitivas da fiscalização tendem a desviá-lo para o âmbito privado, domiciliar, de difícil visualização e fiscalização, facilmente confundido com a ajuda, como ilustram os casos abaixo que classificamos de **trabalho doméstico familiar (1)** e de **trabalho rural + doméstico familiar (2)**:

- 1) [...] Nos finais de semana, minha mãe sai para trabalhar às 7:30hs da manhã. Ela trabalha até no sábado porque é separada do meu pai. Então, no sábado eu faço bastante o serviço da casa e depois que eu termino vou assistir televisão ou jogar bola<sup>6</sup>
  
- 2) De manhã, eu acordo e vou para a escola estudar e aprender coisas novas. Às 11 horas, volto para a casa e almoço e levo meu irmão no ponto de ônibus para ele ir à escola. Chego em casa lavo a louça e depois vamos à lavoura. Temos que limpar e plantar. Depois tomamos um chimarrão e vamos para a horta. À noite assistimos um pouco de televisão. Quando chega nos finais de semana, limpamos a nossa casa e no domingo descansamos. Nas férias escolares, chega a época de colheita e colhemos milho, feijão, batatinha, fumo e outras coisas. [...].<sup>7</sup>

Ao verificar a rotina, por meio da leitura das redações, notamos que, para muitas crianças e adolescentes, as atividades em casa e na roça vão além da ajuda. Já, para outras crianças, a rotina inclui, além do tempo de brincar e de estudar, a ajuda à organização da vida familiar (arrumar a cama, lavar a louça após as refeições, organizar os objetos pessoais etc). Assim, diferenciamos o trabalho infantil explorado da ajuda à organização da vida familiar. Enquanto nos casos reais de ajuda o tempo de estudar e brincar não é comprometido, nos casos de trabalho infantil (intitulado ajuda pelas crianças e por suas famílias), o tempo de estudo, de lazer e de infância é subtraído pelo tempo de trabalho.

---

<sup>6</sup>A. C. B. 11 anos. Depoimento concedido à autora em 20 de setembro de 2010.

<sup>7</sup>B. S. W. 13 anos. Depoimento concedido à autora em 26 de outubro de 2010.

Para contrapor o trabalho infantil dos depoimentos anteriores, ilustramos as formas de **ajuda à organização da vida familiar** que totalizaram 133 casos (12,3% da amostra):

De manhã eu acordo, arrumo a cama, venho para escola e meio-dia eu chego em casa, almoço, lavo a louça e vou brincar com meus amigos. Depois eu jogo bola, vídeo-game. De noite, eu tomo banho, janto, assisto tv e vou dormir. De manhã, quando vou à escola, tem um cafezão com bolacha. No sábado, acordo e fico assistindo TV e a tarde vou na catequese. No domingo, vou na missa, jogo vídeo-game e assisto o campeonato de futebol e o Faustão<sup>8</sup>.

O exemplo acima evidencia como a **ajuda à organização da vida familiar** não rouba o tempo de estudos e/ou de brincadeiras das crianças e dos adolescentes, mas os insere na organização coletiva da vida sem levar à degeneração e exploração precoce.

Para exemplificar o que intitulamos de **atividade de infância**, 252 casos (23,3% da amostra), reproduzimos o trecho de redação redigida por uma criança de 10 anos de idade que relata uma inusitada aventura num passeio pela roça:

Eu brinco de bicicleta e faço as tarefas de casa. Vou na casa da minha avó e ela me compra chup-chup e me dá um monte de bala. Quando meu primo está lá, vamos andar de bicicleta e damos um monte de sustos nela. Uma vez eu dei um susto na minha avó e ela quase desmaiou!!! Depois meu pai foi para a venda e eu e meu primo saímos de bicicleta para tomar banho gelado de rio. Depois fui para casa e meu cachorro quase me mordeu! Fui brincar de bicicleta e meu cachorro foi atrás. Onde eu ia de bicicleta, ele ia atrás. De repente, parou na frente da bicicleta e eu levei um tombo. A bicicleta virou, eu pulei dela, o freio quebrou e ficou pendurado na roda. Eu caí, me machuquei, arranhei a bicicleta e furou o pneu da frente. Foi uma aventura daquelas (...)<sup>9</sup>.

Como podemos perceber a **atividade de infância** e a **ajuda à organização da vida familiar** destoam significativamente da exploração do trabalho infantil. O depoimento abaixo permite identificar, pelo desenho e pela escrita, como a palavra ajuda é utilizada pelos participantes da pesquisa para descrever o trabalho doméstico, historicamente desvalorizado:

---

<sup>8</sup> E. N. 13 anos. Depoimento concedido à autora em 10.11.2010.

<sup>9</sup> F. K. H., 10 anos. Depoimento concedido à autora em 21.10.2010.

Eu geralmente faço quando não estou na escola, é ficar em casa ajudando minha mãe com os deveres de casa.

De manhã eu acordo mais para o banheiro e lavo o rosto e depois vou para o meu quarto arrumo minha cama, vou para a cozinha e tomo café e meus pais e irmão ficam conversando sobre o que iremos fazer eu arrumo a casa as quartas, a cozinha e sala e também tenho que cozinhar para a minha família.

De tarde eu faço o café da tarde e lavo para roça para meus pais.

Nas férias eu trabalho na roça de fumo, batata e abóbora. É também quando tenho que ir para a caçula nos sábados. É também assistir TV com a minha família.



Imagem 4: Redação ilustrada com desenho. A. M. S., 11 anos. Novembro de 2010.

No texto, a palavra ajuda é utilizada para descrever o trabalho doméstico e a palavra trabalho é utilizada para apresentar as atividades realizadas na roça. No âmbito doméstico, a adolescente é responsável por atividades importantes à manutenção da família como preparar o almoço, substituindo o trabalho adulto. Mas, essas responsabilidades são compreendidas, aparentemente, como ajuda. Para a fenomenologia, a forma como o objeto aparece é aquela que ele assume enquanto categoria. Já para a ciência materialista dialética, é preciso ir além da aparência imediata através da qual o objeto se manifesta, descobrindo as relações que o constituem.

No depoimento a seguir, uma adolescente do município de Imbuia ilustra o que denominamos de **trabalho rural familiar**, 32% da amostra (348 casos):

Eu sempre levanto lá pelas 6h da manhã, tiro meu pijama, vou ao banheiro. Ajudo minha mãe a tratar os bichos, galinhas, porcos, perus, coelhos. Tomo café e vou tratar as vacas. Depois, vou ao fumo para capinar e fazer outras coisas que precisam. Quando chega 11h30, vou para casa almoçar, recolher as coisas da mesa e dormir um pouco. Às 14h voltamos para a roça. Depois das 16h volto para casa, cuido das flores, tomo banho e café e vou para a escola. [...] Nas férias... nem posso chamar

isso de férias... pois trabalho o dia inteiro quebrando folha de fumo. Minhas férias são um saco! Às vezes, eu fico vomitando porque me dá porre de fumo. Para mim, as férias são durante as aulas escolares, pois trabalho menos do que na chamada “férias”<sup>10</sup>.

A adolescente de 14 anos trabalha na roça diariamente das 6h da manhã até as 16h, com pausa para almoçar entre 11h30 e 14h, totalizando 7h30 de jornada diária de trabalho. Após essa jornada exaustiva que envolve desde o trato de animais até capinar fumo, ela segue para a casa onde cuida das flores e vai à escola no período noturno gastar as poucas energias que lhe restam depois do dia de trabalho. Nas férias escolares, a jornada diária de trabalho é ainda mais intensa, uma vez que não há escola para alternar o tempo entre o estudo e trabalho e a fumicultura se encontra na época de colheita.

Já o adolescente de 13 anos, autor do relato abaixo, exemplifica não só um caso de **trabalho rural familiar** como também a forma como o trabalho se sobrepõe aos estudos, uma vez que quando chega da escola, primeiramente ajuda os pais nos trabalhos rurais e depois se dedica as tarefas escolares e ao lazer:

De manhã eu acordo tomo um café bem cedo e vou à escola. Depois da escola, eu ajudo meus pais nos trabalhos rurais da roça e mais tarde faço meus deveres de escola. Depois assisto um filme e às 23:00 horas vou dormir.<sup>11</sup>

A concorrência do trabalho no campo com o tempo de estudos é apontado como motivo para faltas e notas baixas na escola, conforme ilustra o depoimento a seguir em que um adolescente de 15 anos desenvolve **trabalho rural não familiar** (18 casos ou 1,7% da amostra) nas roças de fumo, soja e milho:

Bom o que eu faço fora da escola é trabalhar e trabalhar muito. Serviço que não acaba mais. Por causa dele que tenho muitas faltas e estou em exame em algumas matérias. [...] Meu serviço é cuidar da planta de fumo, passar veneno, cultivar, capinar. Também, cuidado da soja e do milho. Mas, tudo tem que passar veneno toda semana [...].<sup>12</sup>

A busca por um salário fixo leva 5% (54) dos participantes da amostra pesquisada a desenvolverem o que classificamos de **outro trabalho não familiar** em serrarias, fábricas de laticínio, padarias e comércios: “Trabalho na serraria o dia todo que tem

---

<sup>10</sup> M. V., 14 anos. Depoimento concedido à autora em 25 de novembro de 2010.

<sup>11</sup> J. M., 12 anos. Depoimento concedido à autora em 25 de novembro de 2010.

<sup>12</sup> J. F., 15 anos. Depoimento concedido à autora em 19/11/2010.

serviço todo dia! Nas férias vou para a colheita do fumo. Gosto de jogar bola nos finais de semana, mas tive que abandonar porque o bicho vai pegar na colheita”<sup>13</sup>.

Geralmente, os estudantes trabalham o dia todo e frequentam a escola no período noturno, o que evidencia que a frequência à escola não, necessariamente, retira crianças e adolescentes do trabalho. O tempo de estudar fica espremido entre o trabalho, o descanso e o lazer, comprometendo a qualidade da aprendizagem uma vez que os alunos chegam cansados à escola após o dia cheio de tarefas.

Se somarmos todos os pesquisados que trabalham obtemos 699 casos (65%) entre 1080 crianças e adolescentes. Da amostra total, 144 (13,33%) trabalham exclusivamente na fumicultura. Percebemos que, embora o contexto da pesquisa seja de crianças e adolescentes residentes em localidades fumicultoras, o trabalho ocorre em diferentes atividades rurais, domésticas, familiares, não familiares.

Em relação à jornada diária ou semanal de trabalho, os dados são reveladores. Embora 100% da amostra de crianças e adolescentes da pesquisa frequente a escola, entre os que trabalham (65% da amostra), 367 (34%) se dedicam meio período ao trabalho, 252 (23%) trabalham diariamente menos de meio período e 146 (13,52%) o dia inteiro, frequentando a escola no período noturno. Observamos que o trabalho ocupa mais tempo que os estudos na vida das crianças e dos adolescentes do campo, pois 693 (64%) dedicam cerca de uma hora diária aos estudos e 287 (26,6%) dedicam nenhuma hora diária aos estudos, quando não estão em sala de aula. Portanto, embora a criança e o adolescente frequentem a escola, o tempo de dedicação no período oposto ao escolar é pequeno ou inexistente, o que confirma nossa hipótese segundo a qual a escola, para os filhos da classe trabalhadora, tem diminuído o grau de exigência, evidenciando o caráter de socialização de classe da escola do campo. Conforme a professora de Imbuia, as crianças e os adolescentes que combinam estudo e trabalho demonstram diferenças significativas no rendimento escolar:

A partir dos 11 anos já notamos uma significativa diferença entre as crianças que trabalham e as que não trabalham. A maior parte das crianças e dos adolescentes com essa idade passam a não ter mais tempo para as tarefas em casa. A escola, por sua vez, tem que dar conta do conteúdo e de tarefas. Tentamos criar espaços de reforço e projetos para que passem o dia todo na escola estudando, mas grande parte

---

<sup>13</sup> G. G. de 15 anos. Depoimento concedido à autora em 20.11.2010.

opta pelo estudo combinado com trabalho até que em breve abandonam a escola (A. S.)<sup>14</sup>.

Conforme o depoimento, o tempo de dedicação aos estudos diminui com o aumento da idade e maior participação no trabalho. A escola tenta manter os alunos mais tempo no espaço escolar, mas nem sempre isso é possível.

A relação entre o tempo de estudos e de trabalho é objeto das discussões daqueles que se debruçam sobre a temática da Educação do Campo. A Pedagogia da Alternância, utilizada em boa parte dos cursos voltados aos trabalhadores rurais, prevê a flexibilização do calendário escolar, alternando tempo de dedicação ao trabalho e o tempo de dedicação aos estudos. A organização costuma estar articulada com as épocas de maior trabalho, geralmente, o plantio e a colheita, quando costumam permitir que os alunos estejam no tempo comunidade. Essa organização escolar é legitimada nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo (CNE/CEB, 2002) que, ao vincularem a identidade das escolas do campo às questões inerentes à sua realidade e aos “saberes próprios de seus estudantes”, permitem a flexibilização do calendário escolar:

Art. 7º - É de responsabilidade dos respectivos sistemas de ensino, através de seus órgãos normativos, regulamentar as estratégias específicas de atendimento escolar do campo e a flexibilização da organização do calendário escolar, salvaguardando, nos diversos espaços pedagógicos e tempos de aprendizagem, os princípios da política de igualdade (CNE/CEB, 2002, p.2).

Conforme os dados de nossa pesquisa já explicitados, o período de férias escolares coincidem com o momento de maior trabalho na colheita e no plantio de fumo. Nesse caso, a flexibilização do calendário escolar pelo ritmo do trabalho atua favoravelmente à exploração do trabalho infantil no campo. Assim, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo normatizam o que, à priori, deveria ser combatido.

Outro aspecto que merece destaque em relação as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo é a defesa da escola rural se adaptar ao ensino local e regional. Conforme o parágrafo único da primeira página do texto:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções

---

<sup>14</sup> A.S. Professora da Escola Estadual Frei Manoel de Imbuia. Entrevista concedida à autora em 09.11.2010.



exigidas por essas questões à qualidade da vida coletiva no país (CNE/CEB, 2002, p. 1.)

Ao discutirem os projetos pedagógicos do campo como algo local, descolado da totalidade social, as Diretrizes ignoram as determinações sociais que submetem as famílias da produção de fumo, por exemplo, ao trabalho integrado por cotas:

[...] 85% da produção brasileira de fumo vai para o exterior. A fumicultura é uma atividade de alta densidade econômica. Os agricultores mais prósperos economicamente estão no fumo. Plantar fumo é uma opção absolutamente racional e não tem nada da cultura na agricultura familiar. Ela está inserida na sociedade capitalista. A pesquisa realizada pela FETAESC (2010) deixa claro que se não dermos oportunidades para as populações do campo, elas continuarão encontrando no fumo uma forma segura para a garantia da sobrevivência familiar. O ideal era que a escola estivesse vinculada à vida e ao trabalho, construindo alternativas de sobrevivência para a população. A propriedade agrícola pode ser transformada num ambiente escolar para atividade agrícola sistematizada e com objetivos pedagógicos vinculados as necessidades dos homens e das mulheres do campo<sup>15</sup>.

## **Conclusão**

Pudemos observar, no decorrer deste texto, que a exploração do trabalho infantil na fumicultura catarinense ocorre em pequenas propriedades agrícolas familiares. O trabalho ocorre mediado por um contrato de integração entre empresas e o trabalhador rural que se submete às cotas, insumos, técnicas e preços determinados pela empresa contratante. O trabalho da criança é confundido com a ajuda (aparência fenomênica que brota do objeto empírico), desvelada, pela reflexão teórica dialética, como trabalho infantil explorado relacionado com a produção da mais-valia na sociedade capitalista. As crianças desenvolvem inúmeros trabalhos rurais e domésticos: dar trato aos animais, colher, plantar, podar, regar, limpar a casa, fazer comida, fazer manilhas, trabalhar na granja, na madeireira etc. As atividades são realizadas em contexto familiares e, algumas vezes, não familiares. Há ainda casos de crianças e adolescentes que combinam o trabalho familiar (nos momentos de maior demanda) com o trabalho não familiar (quando há menor demanda na propriedade da sua família).

A combinação entre escola e trabalho ocorre prejudicando o tempo de dedicação aos estudos. Os depoimentos revelam que o lugar ocupado pela escola vai além da qualificação e da submissão necessárias à reprodução da relação capitalista. A escola é também, dialeticamente, o local do não trabalho, onde as crianças e os adolescentes podem estar poupados da labuta diária, aumentando assim a disposição e a

---

<sup>15</sup> BEREZANSKI, 2010, conforme entrevista concedida à autora em 09.11. 2010.

produtividade quando estão no período de trabalho. As férias escolares transformam-se na época de mais trabalho, pois coincidem com os momentos de plantio (julho-agosto) e colheita (dezembro, janeiro e fevereiro), quando ocorrem casos de “porre de fumo”.

A compreensão das famílias pesquisadas acerca do trabalho educativo (nesse caso chamado de ajuda pelos trabalhadores rurais) tem como pressuposto a concepção de trabalho como produtor de valores de uso. Entretanto, na sociedade capitalista, o trabalho tem a contradição inerente de ser voltado à produção de mais valor. Nesse sentido, a luta contra a exploração do trabalho é a luta pelo não trabalho, não havendo, nos limites do capital, outra forma de trabalhar que não seja determinada pela mais-valia (TUMOLO, 2011).

### **Referências Bibliográficas**

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE/CEB). Diretrizes 2002, **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília: MEC. CNE/CEB. 2002.

FETAESC. **Relatório com produtores de tabaco**. Santa Catarina Safra 2009-2010. São José, SC. 2010.

IBGE/Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2006. Brasília, DF. 2006. Disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

HARTWIG, M. **Mudanças no trabalho e na escolarização dos agricultores familiares: aparente segmentação entre rural e urbano**. (dissertação de mestrado em educação) UFSC, Florianópolis. 2007.

JUNIOR, C. P. A questão agrária e a revolução brasileira. In: STEDILE, J. P. **A questão agrária no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular. Vol.1. 2005

MARX, K. **O Capital (crítica da economia política)**. Livro 1Vol II. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 294p.

OLIVEIRA, F. **Crítica à Razão Dualista**. OOrnitorrinco. São Paulo: Boi Tempo editora,2003

TRINDADE, G. **O trabalho e a pedagogia da alternância na casa familiar rural de Pato Branco – PR**.(dissertação de mestrado em Educação). UFSC, Florianópolis, SC. 2010.

TUMOLO, P. Trabalho, educação e perspectiva histórica da classe trabalhadora: continuando o debate. In: **Revista Brasileira de Educação, ANPED**. Vol. 16, n 47, maio-agosto de 2011. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (p. 443-481).